



PORQUE **ECOLINGUÍSTICA¹**

Adam Makkai (Universidade de Illinois, EUA)

R e s u m o : Publicado originalmente como Introdução a (Makkai, 1993), este artigo contém grande parte das ideias ecolinguísticas do autor. Basicamente é uma tentativa de mostrar que há outras maneiras de se fazer linguística além da gramática gerativa, então ‘gerativa transformacional’. O artigo propõe alternativas mais ecológicas para se estudarem os fenômenos da linguagem. Entre as que são mencionadas incluem-se a tagmêmica de Pike, a gramática estratificacional de Sydney Lamb e a gramática sistêmico-funcional de Halliday. No entanto, a alternativa mais consentânea com a nova visão científica seria a ecológica, motivo pelo qual propõe a disciplina ecolinguística, que, mesmo estando *in statu nascendi*, pode ser um bom ponto de partida para se estudar os fenômenos da linguagem. No entanto, ela não deve ser encarada como um novo paradigma.

P a l a v r a s - c h a v e : Ciências da linguagem; Visão holística; Ecolinguística.

A b s t r a c t : Originally published as Introduction to Makkai (1993), this article contains many of the ecolinguistic ideas of the author. Basically, it is an attempt at showing that there are other ways of doing linguistics beyond generative grammar, then called ‘generative transformational grammar’. Among these alternatives the following are mentioned, among others: Pike’s tagmemics, Sydney Lamb’s stratificational grammar and Halliday’s systemic-functional grammar. However, the alternative more in sync with the new view of the world brought about by modern science would be ecolinguistics, which is still *in statu nascendi* but can be a very interesting starting point for the study of language phenomena. However, it is proposed not as a paradigm for language sciences.

K e y w o r d s : Language sciences; Holistic view; Ecolinguistics.

A segunda metade do século XX tem visto muitas inovações e contrainovações na linguística, a tal ponto que, de fato, a diversidade desta modesta área de estudo sugere uma comparação com a medicina, com seu amplo campo de aplicação, que vai da podiatria à psiquiatria. A linguística também parece ter os seus ‘podiatras’ e psiquiatras; uma vasta gama de ‘ginecologistas’ e pedolinguistas têm aparecido durante o curto passado recente da disciplina.

Não deve ser tarefa desta breve caracterização de minha contribuição à área colocar nomes na mesa, quer denominando ‘escolas de pensamento’, por exemplo, quem ou de

¹Traduzido do inglês por Hildo Honório do Couto.

que grupos são as autoridades e quem usufrui dos compartimentos mais altos da suíte no piso da cobertura do complexo linguomédico: os leitores ficam convidados a tirar suas próprias conclusões e fazer as próprias comparações. No entanto, eu desejo ardentemente enfatizar UM PONTO ESPECÍFICO, que é o seguinte: eu recuso terminantemente a qualificação de alguns linguistas como ‘unicórnios nobres’ (os teóricos de orientação gerativo-transformacional), e outros como ‘coyotes tugging at the carnage’ (trabalhadores de campo), que é uma divisão da linguística desnecessariamente provocativa e discriminatória, perpetrada por Langacker (citado em Abercrombie, 1980).

Talvez uma palavra ou duas sejam necessárias a fim de explicar o título deste livro, bem como o sinal de interrogação espanhol invertido no início de um subtítulo com dois asteriscos circundando uma palavra no centro *¿Towards a new **paradigm** for the science of language?* Essa pontuação não pertence à tradição do inglês, que eu respeito e não quero violar. Meu objetivo é chamar a atenção para os abusos e mal-entendidos sobre a palavra *paradigma* e o que se espera que ela represente razoavelmente no atual contexto ecológico.

Desde o aparecimento do famoso livro de Thomas Kuhn, *The structure of scientific revolutions* (Kuhn, 1962), muitos linguistas têm se ocupado em comparar a revolução chomskyana de 1957-1965 com uma grande “mudança de paradigma” na linguística – mudança de paradigma comparável à revolução newtoniana-einsteiniana na física e ao aparecimento de Sigmund Freud na cena da psiquiatria. Se é verdade que questões interessantes têm indubitavelmente sido postas no alvorecer de 1957-1965 e depois, não é difícil demonstrar (embora isso possa parecer um tanto antipático em alguns círculos do poder estabelecido) que as mudanças que têm aparecido na linguística NÃO SÃO EFETIVAMENTE DE NATUREZA CIENTÍFICA, MAS SEMELHANTES A UM GOLPE DE ESTADO SOCIAL. Eu não sou o primeiro a dizê-lo por escrito, mas Raimo Anttila (Anttila, 1974). Depois disso eu passei a entender os golpes de estado sociais atuais e como seus propagadores conseguem fazer com eles pareçam revoluções científicas reais: as respostas estão dadas no revelador livro de Berger e Luckmann *The social construction of reality* (Berger; Luckmann, 1967).

Um pesquisador que consiga mostrar que as pretensas ‘revoluções científicas’ são, de fato, meros golpes de estado sociais pode ser chamado como um DESBANCADOR DE PARADIGMAS. Por outro lado, um pesquisador que atribui ansiosamente o *status* de

mudança de paradigma científico a qualquer nota de rodapé que sai da caneta de um praticante que se encontra no poder pode ser chamado de FANÁTICO POR PARADIGMA. O problema é, claro, que a própria palavra *paradigma* adquiriu as conotações de prestígio, aceitação, regularidade, normalidade, financiamento – em suma, as conotações de desejabilidade, sucesso e aceitação social. Os praticantes de fora de um ‘paradigma’ são vistos com suspeição; são motivo de desprezo, ridículo e rejeição – às vezes também de uma certa inveja e admiração.

A primeira parte deste livro é um indiciamento iconoclástico do ‘paradigma’ gerativo-transformacional em vários de seus aspectos. Os ensaios a partir dos quais os capítulos 1, 2, e 3 foram formados mais tarde foram escritos no início dos anos setenta, pouco antes de eu ser promovido de professor associado a professor pleno da Universidade de Illinois, de Chicago, cujos linguistas estavam laborando em vão na sombra do movimento da ‘semântica gerativa’ da Universidade de Chicago, que dominava por completo os encontros anuais da Sociedade Linguística de Chicago (CLS), sendo os comitês de seus programas largamente constituídos de estudantes pós-graduandos ansiosos para seguir a última mania. Estava claro que tinha havido uma rixa entre a gramática gerativo-transformacional à la MIT e o movimento da ‘semântica gerativa’, que tinha James D. MacCawley como um de seus maiores expoentes, mas minhas simpatias ficavam com o CLS. Juntamente com muitos outros, eu senti que o CLS não avançava o bastante no questionamento sobre o que estava errado com a GGT ortodoxa, de modo que em agosto de 1974 decidimos fundar uma associação linguística binacional independente tendo os Grandes Lagos como centro. O nome LACUS (*Linguistic Association of Canada and the United States*) foi inventado por meu colega J. Peter Maher da Northeastern Illinois University; este mais do que adequado nome ocorreu a ele quando eu estava caminhando e falando sobre os Grandes Lagos, o Canadá e os EUA. Como a publicação deste livro coincidirá com o vigésimo aniversário dessa associação, parece apropriado explicar ‘ecologia’ e ‘paradigma’ no espírito de LACUS, diante do entusiástico e crescente número de membros, aos quais este livro é dedicado coletivamente.

Nós sentíamos desde o começo que se havia um campo nas assim chamadas humanidades que dependia de dados em grande quantidade para verificação e provar sua relevância ele era a linguística. No entanto, o manuseio de uma grande quantidade de dados tem sido extremamente difícil, inclusive nos dias de hoje. A presença

relativamente fácil e quase universal do computador pessoal deverá remover da linguística a maldição da dificuldade com as taxonomias, uma vez que ela é uma ciência essencialmente comportamental e social.

Nós da LACUS temos sempre percebido que talvez nenhuma outra área deveria evitar a compartimentalização em ‘teoria’ versus ‘prática’ como a linguística, uma vez que a linguagem humana é algo democrático, de toda a humanidade, dada naturalmente – se não igual em termos de qualidade – ao analfabeto e ao alfabetizado. A prova do pudim proverbial, portanto, deve estar no comer, devendo as teorias irrelevantes ser descartadas e estudadas somente como aberrações históricas ou curiosidades.

Pensemos no caso do professor Marr na antiga União Soviética. Ele sustentava que a língua pertencia à ‘superestrutura’, que, de acordo com uma interpretação de Marx, deveria ser influenciada pela ‘infraestrutura’, que é constituída pelos instrumentos de produção, a posse deles e a administração política. Logo se tornou óbvio, no entanto, que a língua russa não tinha mudado de modo palpável devido à mudança do país do regime dos tzares para o do Lenin (houve algumas simplificações ortográficas e alguma fraseologia nova surgiu), de modo que o próprio Stalin teve que intervir e declarar que os ensinamentos de Marr estavam errados. Uma vez que antes da denúncia de Marr a coisa politicamente correta a fazer era praticar marrismo, grande quantidade de linguistas soviéticos, que dedicaram suas carreiras a Marr, perderam os empregos ou caíram em desgraça ou foram humilhados.

Que modos de ‘comer’ o pudim da linguística norte-americana contemporânea existem que tenham sido subexplorados por todos os grandes livros de culinária até hoje? A aprendizagem de língua é um deles; a aquisição de língua é o outro, além de qualquer dúvida. Porém, pense no seguinte: suponha que haja um modo testado e aprovado de ensinar espanhol, francês, latim, alemão e russo nos colégios e faculdades americanas que fosse de alguma forma baseado nas ideias de Chomsky, provenientes do MIT, e que pudesse ser provado estatisticamente que os alunos assim treinados tenham adquirido uma fluência sem sotaque, quase de falante nativo, e plenamente gramatical nessas línguas, ao passo que os infelizes que receberam o ensino tradicional ficaram em seu baixo nível costumeiro. Pense também na seguinte possibilidade: se no ensino de inglês como segunda língua (ESL/TESL) as massas estatisticamente testadas de populações reais pudessem exibir a superioridade inata de escolher ou não conscientemente a ‘transformação passiva’ via regras ordenadas conscientemente aplicadas, escrevendo em

um estilo vívido e superior, e alternando as duas vozes, resultando em numerosos Prêmios Pulitzer para a ficção e a poesia escrita por falantes não nativos, de modo que todos esses sucessos pudessem ser ligados objetiva e unanimemente às vantagens do ensino de línguas transformacional-gerativo, haveria prova socialmente verificável de que gramáticas desse tipo são melhores para os seres humanos do que as não GGT. Mas, é assim realmente?

Que Chomsky e a gramática gerativo-transformacional (GGT) não tem nenhuma utilidade para a pedagogia de línguas é uma das maiores calamidades da linguística moderna. Como reação à posição antiprática da GGT (em todas as suas diversas versões) muitos ex-praticantes de GGT declararam que TODA a linguística teórica estava morta e se retirou para a tipologia linguística, a pragmática, ou para ESL/TEFL, que ainda é um tanto amorfa e está lutando para construir a própria identidade.

Até parece que não PODERIA haver uma abordagem teórica à pedagogia de segunda língua – pelo menos do ponto de vista da GGT, uma vez que todas essas questões foram relegadas à ‘performance’, sendo a ‘competência’ o único objetivo verdadeiro da linguística atual. Outras teorias, que pena!, não tiveram melhores resultados, sobretudo as de cunho mais formal.

A gramática gerativa aplicada (GGA) de S. J. Shaumyan, desenvolvida durante os anos soviéticos, é também pesadamente formal e baseada na lógica simbólica. No entanto, contrariamente à GGT, ela está saudavelmente baseada na semiótica e, por isso mesmo, oferece um conjunto de analogias muito mais realísticas para o uso da língua humana natural. A GGA ainda nos deve explicações sobre duas questões maiores: o papel do léxico nas gramáticas do ‘fenótipo’ (isto é, de línguas efetivamente faladas), e como os seres humanos adquirem sua língua. A GGA pode nos surpreender nesse ponto, uma vez que Shaumyan, transplantado a Yale e depois para consultorias privadas sobre a ex-URSS na América, continua a desenvolver e modificar seus pontos de vista.

A gramática stratificacional-cognitiva (GSC) tem se mantido alheia à questão da pedagogia em um número não desprecioso de publicações, embora diversos praticantes tenham sinalizado que questões e assuntos sociolinguísticos de aquisição de língua podem ser tratados de modo elegante na GSC (Herrick, 1984).

Com isso ficamos com duas abordagens teóricas maiores à linguagem; ambas se distinguiram por se dedicarem a necessidades concretas de pessoas concretas em várias partes do mundo. A mais antiga delas – internacionalmente – é a tradição britânica de

Firth, atualmente conhecida sobretudo na obra de Michael A. K. Halliday e sua gramática sistêmico-funcional (GSF).

Originalmente inventada nos EUA, mas agora praticada mundialmente pelo Summer Institute of Linguistics (SIL), existe a tagmêmica de Kenneth L. Pike, Robert E. Langacker e outros. Pike e seus mais de quinhentos colaboradores no SIL têm tido um grande sucesso no processo de criar alfabetos com base fonêmica para grupos de línguas pré-letradas e a elaboração de gramáticas para elas. Eles têm conseguido resultados duradouros e impressionantes na área de teoria e prática de tradução (Nida, 1974, Beekman; Callow, 1974).

Halliday e a gramática sistêmico-funcional também têm conseguido resultados duradouros na produção de gramáticas (principalmente do inglês) que podem tratar do que as pessoas realmente dizem e escrevem; além disso, o modelo de Halliday é o primeiro grande modelo teórico que trata com sucesso da língua como uma semiótica social (Halliday, 1978), mas de um modo que nossos colegas da literatura podem proveitosamente usá-lo mediante a inclusão sistemática de registro, teor (*tenor*), teor funcional, modo escrito ou falado e léxis como um nível linguístico.

O de que precisamos globalmente são alguns dos seguintes tratamentos:

1 Como o autor de boa prosa literária ordena seus pensamentos ao desenvolver um enredo literário? Como as várias estruturas de enredo se inter-relacionam com o nível da dicção (vocabulário) e a sintaxe de determinado escritor?

2 Como poetas e tradutores de boa poesia produzem seus textos?

3 Que relação existe entre o '*status social*' e o 'estado do ego' de um falante-ouvinte como refletida na dicção da pessoa, no potencial de significação e na sintaxe do texto sob investigação? Por outras palavras, pode existir algo como uma 'psicolinguística psiquiátrica' que se ligaria significativamente à abordagem mais tradicionalmente sociolinguística?

4 Por que ninguém está seriamente trabalhando com Psicologia da Interação Social (PIS) no Oeste? (Karácsony 1938).

5 Por que ninguém está tentando criar um modelo em que os traços dos modelos recém-mencionados poderiam redundar em uma síntese? Isso é impossível? Seria ofensivo a alguém? Se sim, por quê?

6 Numa época de especialistas em computação em diversos outros campos, por que também os lógicos estão relutantes em expressar os pressupostos e as premissas da Teoria A em termos das Teorias B, C e D? Isso não mostraria algo útil sobre a mente humana, objetivo último de qualquer estudo?

7 Por que não existem mais linguistas dando um olhada na literatura e escritores dando uma olhada séria no que a linguística moderna tem a oferecer?

ECO-REBEL

Nós estamos vivendo em uma época em que, ao fim e ao cabo, a humanidade se conscientizou sobre a importância tanto do meio ambiente macro quanto do meio ambiente micro em que vivemos. O termo geral para essa consciência Nova Época (New Age), ECOLOGISMO, tem feito sua influência ser sentida na conservação tanto do mar quanto da terra; tanto na sociologia e economia urbana quanto na rural; na agricultura e na exploração do espaço. Nos dias atuais, nós todos tendemos a ser conscientes de que além de uma ECOLOGIA DO ESPAÇO FÍSICO existe também uma ECOLOGIA DA MENTE. Nós vivemos em estados mentais, em MODOS DE PENSAR mais ou menos sócio-psicologicamente pré-manufaturados, tais como os modos ‘pré-científicos’, os ‘científicos’ e os ‘pós-científicos’. Pensador pré-científico é aquele que toca dois objetos e declara ‘isto é frio’ sobre um e ‘isto está pelando’ sobre o outro. Pensador científico é aquele que inventa o termômetro – na escala Fahrenheit, na Réaumur ou na Celsius – e começa a medir a temperatura das coisas. Um pensador pós-científico, ao contrário, é aquele que tem dezenas de diversos termômetros e os usa profusamente, mas, ao mesmo tempo indaga sobre a origem do ‘calor’ no Universo e liga essa questão intergaláctica a dúvida sistemática sobre a habilidade da consciência humana em geral de ser objetiva, devido ao reconhecimento heisenbergiano de que observações interferem na natureza da maioria dos objetos observados (Lukacs, 1968). *Mutatis mutandis*, a filologia do século XIX pode ter sido pré-científica; Bloomfield, Hockett, Chomsky, Pike e Shaumyan são científicos – cada um usa um termômetro diferente – Lamb, Halliday e até certo ponto Roy Harris podem ser considerados pós-científicos, uma vez que todos os três questionam ou re-questionam as bases, cada um a seu modo.

A ECOLINGUÍSTICA, como o nome indica, está tentando fazer essas perguntas que, espera-se, conduzirão as novas gerações de linguistas para uma visão da linguagem filosoficamente mais tolerante e de modo geral INCLUSIVA, não EXCLUSIVA.

Eu não tenho a mínima intenção de proclamar que estou propondo o começo de um novo paradigma. *The structure of scientific revolutions* simplesmente não é aplicável à linguística. Nossa disciplina tem tido apenas um ‘paradigma’ desde os debates eruditos dos gregos antigos a propósito de se a língua é sujeita a regras (as ‘analogias’ dos Alexandrinos) ou uma questão de listas aleatórias (a Escola de Pérgamo) (Dinneen, 1967: 94-5). Na verdade, o debate é até mais antigo, recuando ao debate entre os partidários de Heráclito e os de Parmênides (Heráclito disse que ‘tudo flui’ ou ‘torna-

se'; Parmênides disse que 'tudo É' (cf. Algeo, 1972). Não é necessário muito esforço para perceber a 'reencarnação' dos antigos regularistas gregos e os heracliteanos no movimento neogramático do século XIX na Alemanha, cuja continuidade indireta, mas obviamente real, é a Gramática Gerativo-Transformacional, com suas regras de transformação; do mesmo modo, seria perfeitamente lógico ver Hugo Schuchardt (1889) e os caçadores de exceções à 'Ausnahmslosigkeit des Lautwandels' (ausência de exceção nas mudanças fonéticas) continuando na sociolinguística urbana e o variacionismo dos últimos dias. A Gramática Estratificacional de Lamb, como convincentemente mostrado por Algeo (1972) em sua comparação clássica, seria a 'reencarnação' da filosofia parmenidiana que, em oposição a dialética Heráclito, procura 'ser' e 'realização' de preferência a 'mudança' e '-se'.

Quão grande e velho deve ser um 'paradigma' para poder ser considerado um 'Paradigma' genuíno, com P maiúsculo? Quantos 'subparadigmas' desejamos e estamos preparados para reconhecer no interior dos paradigmas maiores, tal como o paradigma macro-aristotélico de dois mil e quinhentos anos, que pode englobar Copérnico, Kepler, Newton, Einstein e Heisenberg?

Os físicos podem discordar. No entanto, é fato que a NOMENCLATURA INTERNACIONAL DA LÓGICA foi feita com base nos trabalhos de Aristóteles, baseando-se nas mudanças das intuições ulteriores em visões de mundo, como se vê nos grandes inventores supra: TODAS FAZEM SENTIDO CUMULATIVO, HISTÓRICO, SEPARADA OU CONJUNTAMENTE. O mesmo não se pode dizer de Tales, Anaximandro, Pitágoras ou Platão por sinal, uma vez que esses gigantes pré-aristotélicos do pensamento grego ainda viviam largamente no mundo do misticismo.

Fritjof Capra, autor de *O tao da física* (1980), embora ainda pertencente ao paradigma macro-aristotélico da ciência do século XX, já aponta para além dele, e esse 'além', curiosamente, aponta para os antigos e para o Extremo Oriente. Por isso, eu vejo um grande 'paradigma de mudança de consciência' com o seguinte contorno:

- (a) O mundo antes de Aristóteles
- (b) A visão de mundo aristotélico-judeo-cristã-materialista
- (c) A visão de mundo pós-Hiroshima e pós-alunissagem gradualmente se transformando em 'Pensamento da Nova Era'

ECO-REBEL

Toda a linguística que conhecemos pertence à visão de mundo aristotélico-judeo-cristã-materialista e não oferece nada diferente além de maiores ou menores variações sobre o tema anunciado pelos gregos por volta de 400 a.C.: somos todos criadores de regras (ou ‘cabeças duras’, para tomar emprestado uma frase da Conferência de Abertura de Halliday na Universidade de Sydney) como a GGT e os chomskyanos, ou seguimos ‘linhas mais leves’ como as da etnografia da fala (para citar uma frase e um título de Dell Hymes).

ASSIM SENDO, CONSIGAMOS PRIMEIRO NOSSA CARTA DE ALFORRIA, DEPOIS EXPROPRIEMOS E FINALMENTE PECHINCHEMOS NOS PREÇOS POR ATACADO.

NADA DE ****PARADIGMAS****, POR FAVOR!

Vivamos o melhor que pudermos o meio em que nos encontramos todos com algum grau de dignidade humana e decoro acadêmico! Eu gostaria de sugerir que a palavra *afirmar* seja oficialmente excluída do vocabulário de todos os linguistas práticos e seja substituída por *sugerir*, *hipotetizar*, *submeter* e *pretender mostrar* seguidas de dados ou prova objetiva.

Minha caracterização supra do modo de pensamento ‘pós-científico’ como talvez mais avançado do que o modo ‘científico’ prévio não pretende sugerir que todas as ‘questões científicas’ na linguística têm sido resolvidas – muito longe disso. Os três modos ‘pré-científico’, ‘científico’ e ‘pós-científico’ ainda se encontram inextricavelmente entrelaçados na obra da maioria dos linguistas praticantes e muitas figuras de proa têm se distribuído de modo desigual ao longo da escala dos três. Chomsky, por exemplo, que tem pretendido ser o crítico de tudo que tem sido escrito sobre linguística, e que introduziu as noções de ‘adequação observacional’, ‘adequação descritiva’ e ‘adequação explanatória’, em geral tem errado sobre fatos observáveis reais, simples da fala humana – p. ex., a interdependência de significado e acento. Se ser ‘científico’ significa ignorar dados reais, ele deixa de sê-lo, como Yngve (1986) indica de modo convincente. Uma vez que ele também está preocupado com o próprio processo de explicação, também Chomsky está, até certo ponto girando em torno do modo científico. Essas categorias não são, portanto, estanques e nós devemos ter cuidado ao aplicar rótulos de valor a elas. Uma leitura superficial da asserção epistemológica de

Yngve poderia facilmente levar alguém a pensar que um bom linguista precisa necessariamente ser um materialista filosófico que vê a língua como impulsos elétricos filmáveis e graváveis. Naturalmente, isso é parte integrante do comportamento objetivamente observável do ‘indivíduo comunicante’ de Yngve. De uma plataforma mais alta podemos ver também que o ‘indivíduo comunicante’ que faz esses impulsos graváveis e codificáveis é também membro de uma classe social, uma família, uma nação, uma área dialetal, ou duas (ou três ou dezessete, conforme o caso), portador ou não de graus acadêmicos, partidário de pontos de vista filosóficos, políticos e religiosos, irradiando em determinado tempo um ‘estado de ego adulto’, um ‘estado de ego de parente’, um ‘estado de ego infantil’. Nenhuma dessas categorias são *ipso facto* acientíficas; elas só o seriam se as pessoas forem forçadas subjetivamente a elas e sem consenso democrático ou verificabilidade pública. Indubitavelmente, é mais fácil gravar um sessão de barganha em um mercado ao ar livre do que ‘provar cientificamente’ que o falante ‘A’ está meramente incomodando o falante ‘B’ e meramente fingindo que está negociando algo que afinal não pretende comprar. Mas, isso pode ser feito. A pergunta a ser feita deve ser cuidadosamente formulada e submetida à análise; os sujeitos precisam ser entrevistados e suas respostas registradas e analisadas de acordo com novos métodos de tratamento de dados que deixarão essas respostas acessíveis a grupos de observadores objetivos e descritivistas.

A ECOLINGUÍSTICA ainda se encontra *in statu nascendi* e tem um longo caminho a percorrer antes que possa preencher qualquer um de seus objetivos e aspirações. A carreira de um linguista individual certamente passará por suas próprias fases ‘pré-científica’, ‘científica’ e ‘pós-científica’, tudo dentro do que um Ph.D. treinado faz de modo a ser interpretado como plenamente ‘linguística científica’ por membros de outras profissões.

Verbalizemos a questão de outro modo: ‘pré-científico’ significa efetivamente não analítico, ou ingenuamente catalítico. Na história da filosofia, o grande sábio Platão pode ser visto como uma grande figura pré-científica nesse sentido. ‘Científico’ é um modo de pensamento que é primariamente analítico, aquele que pega fatos observáveis em pedaços ou hólons e reduz esses pedaços a seus menores constituintes atômicos – quer deixando-os assim ou fingindo que dessas partículas elementares menores podemos realmente recompor os hólons originais, mais ou menos como fazem os gerativistas, frequentemente sem dar muita atenção ao fato. ‘Pós-científico’ é um modo

de pensamento que passa pelo estágio analítico e pode contar com suas técnicas ao analisar fatos observáveis, mas que visa a prover ‘perspectiva’ à ‘intuição’; descrever estruturas linguísticas, por exemplo, em contextos maiores. O desenvolvimento da sociolinguística e da linguística do texto às vésperas da virada gerativa pode ser visto como uma fase neocatalítica que sucede uma fase altamente analítica na história de linguística.

No início deste ensaio eu destaquei a tagmêmica de Pike e a gramática sistêmico-funcional de Halliday, à quais gostaria de associar a ecolinguística e aqui está a razão: trata-se dos dois movimentos na área que apresentam quantidades relativamente iguais de analiticidade e cataliticidade, tanto em seus objetivos quanto em sua metodologia. A GGT, ao contrário, é um empreendimento primordialmente analítico, mesmo que os ‘traços semânticos’ e os ‘traços fonéticos’ sejam às vezes vistos como o ponto de partida da linguagem humana e não o cemitério de seus *disjecta membra*. Lamb e a gramática cognitivo-estratificacional também foram primariamente analíticos, mas na obra posterior de Lamb a EPISTEMOLOGIA começou a exercer um papel crescentemente importante, o que, por sua vez, levou ao reconhecimento da diferença entre e a interdependência da analiticidade e da cataliticidade na teorização linguística. O menos prático dos teóricos compatíveis, Shaumyan (1983) claramente reconhece a natureza dupla da linguística quando fala em ‘conceitos-centauro’. Análise e catálise estão claramente implícitas na divisão que Shaumyan faz na linguagem entre GENÓTIPO e FENÓTIPO: qualquer descrição de uma língua fenotípica falada deve partir de métodos analíticos, depositando os resultados dessa análise no construto teórico interlingual, a álgebra universal da língua fenotípica, como uma atividade catalítica. *Mutatis mutandis*, Shaumyan está, portanto, agindo ‘cientificamente’ como analista de línguas reais (fenótipos) e ‘pós-cientificamente’ quando formula (ou cria) sentenças fenotípicas algébricas em lógica simbólica.

Nada disso torna a tarefa do ECOLINGUISTA mais fácil. Na verdade, isso o põe em oposição às melhores cabeças da área; acadêmicos que são seus professores e seus mais velhos; pessoas que ele admira e respeita. Os ditames do processo da escrita e da tradução, bem como as realidades quotidianas de uma existência ativamente multilíngue são de tal ordem que, apesar de tudo, as perguntas esboçadas acima (1-7) devem ser feitas; além disso, elas devem ser feitas de modo a permitir ao ecolinguista continuar

inabalável, mesmo se as respostas que chegarem a ele da geração de seus mestres tiverem que ser negativamente críticas.

Eu espero não ter ofendido ninguém com minhas tentativas de sugestão de ‘mapeamento de teorias’, como fiz no ensaio ‘A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals’ (Makkai, 1972). Que mais do que conhecimento ‘linguístico’ é necessário para explicar um texto que tem sido conhecido há muito tempo? O ensaio “The ‘Illumination’ of Giuseppe Ungaretti” é um exemplo. Depois de mostrar o que faz a gramática do texto de diferentes pontos de vista, fica faltando mergulhar no pano de fundo histórico e filosófico tanto do autor quanto do gênero com que ele trabalha.

Tudo isso teria sido chamado simplesmente senso comum na tradição filológica do século XIX. O linguista pragmo-ecológico não tem nenhuma dificuldade em ser associado à ‘filologia’, contanto que fique pressuposto que a filologia do século XIX e do começo do século XX é tida como pertencendo ao *modus operandi* ‘pré-científico’. Na verdade, a filologia nunca foi superada pela linguística estrutural; os dois campos do saber podem perfeitamente beneficiar-se da experiência um do outro. No final deste século talvez não seja prematuro dizer que a ECOLINGUÍSTICA pode ser vista como uma ‘filologia pós-científica’, ou como neofilologia catalítica. O processo de composição de dado soneto pode ser visto como exemplos de neofilologia ecolinguística.

ECOLINGUÍSTICA como termo foi sugerida a mim pelo professor Einar Haugen em Chicago por ocasião do IX Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnográficas, em 1972. De qualquer forma, o professor Haugen não é em absoluto responsável pelo uso particular que eu faço dele.

Minha dívida para com a linguística cognitivo-estratificacional e o professor Sydney M. Lamb em tudo ficará clara para o leitor. A despeito dessa dívida, as opiniões expressas aqui são minhas próprias e ninguém ligado à linguística estratificacional deve ser considerado responsável por elas. Grande parte delas apareceram em outras publicações entre 1968 e 1991. Portanto, o presente ensaio contém ideias desenvolvidas ao longo de 23 anos, durante os quais meu pensamento não permaneceu o mesmo. Tentativas anteriores de dividir a matéria em seções sobre ‘Fonologia’, ‘Morfologia’, ‘Sintaxe’, ‘Semântica’, ‘Lexicografia’, ‘Idiomaticidade’, ‘Aspectos Literários’ e ‘Aspectos Diacrônicos e Sociolinguísticos’ pareceram forçadas e desnecessárias após maiores

ECO-REBEL

reflexões. O ensaio já mencionado sobre Ungaretti estaria na seção literária, idiomática e de tradução, mas em certo sentido ele caberia na seção sobre fonologia e talvez na semântica. Uma das consequências das reflexões ao longo de todo esse período é a de que eu já não vejo nenhuma linha divisória entre essas disciplinas tradicionais. O caso de um poema, curto ou longo, certamente amalgama e acomoda todos os aspectos da língua, do fonológico e o gráfico ‘para cima’ na direção da formação de palavras, de sentenças, de estrofes, sintaxe, semântica, intenção literária, o contexto histórico etc.

Eu fui originalmente educado na tradição europeia como um estudante de Sándor Eckhardt, Albert Gyergyai, János Györi e Jolán Kelemen na Universidade de Budapeste; antes dos dois anos que estive no Departamento de Francês, a maior influência sobre meu pensamento veio de nosso professor de húngaro e latim na Academia da Igreja Reformada Húngara, Dr. Lajos Lengyel, a quem chamávamos ‘Zeus’. Foi com esse lastro centro-europeu, com base em húngaro, francês, alemão, latim e russo que eu cheguei aos Estados Unidos com 21 anos em primeiro de janeiro de 1957. Na Universidade de Harvard, em que me tornei o primeiro estudante refugiado de minha geração, fiz cursos de francês com René Jasinski e de francês antigo e provençal com o professor F. Solano; no Departamento de Eslavística, fiz cursos com o professor Sechkareff, Hugh McLean, H. G. Lunt e Roman Jakobson. Embora flagrantemente diferentes nos detalhes, Budapeste e Harvard tinham uma coisa em comum: ensinaram-me um saudável respeito pelo texto.

De 1958 a 1960 eu ensinei francês, alemão, latim e russo no Iolani College Preparatory Academy de Honolulu, Havaí. Aqui os meninos de ascendência japonesa, chinesa, havaiana, filipina e portuguesa, além dos do continente americano, tornaram-se meus professores, assim como eram meus alunos. Eu falava húngaro com minha mulher em casa, inglês no trabalho, e ouvia todas as línguas étnicas dos vários povos mencionados bem como uma boa dose de ‘Hawaiian Pidgin’, característico do final dos anos cinquenta e começo dos sessenta. Por essa ocasião, a Ford Foundation me enviou para Yale no outono de 1960; minha mente não era uma ‘tabula rasa’ no que concernia a línguas e seus mais diversos usuários. Meus primeiros poemas haviam sido publicados na Hungria em 1954 e 1955; várias traduções do francês, do francês antigo e do provençal apareceram impressas ou foram lidas na Rádio Budapeste em muitos programas literários. Devo mencionar também meu papel como secretário literário de minha mãe, Rózsa Ignác (1909-1979), autora de cerca de 90 romances e inúmeras

ECO-REBEL

traduções, sobretudo do romeno e do francês. Da idade de 14 a 21, quando deixei a Hungria às vésperas da invasão militar soviética, após a Insurreição Nacional de 1956, eu vivi uma intensa atmosfera literária, com visitas regulares de romancistas, organizadores de livros, diretores de teatro, compositores, pintores, escultores, poetas e tradutores – todos amigos de minha mãe e da família estendida. A língua era vista por essas pessoas como um instrumento, um meio para um fim, o da autoexpressão em um contexto social destinado à comunicação com os outros. Eu acho que não teria me tornado um linguista se tivesse ficado em meu país natal.

As doutrinas estruturalistas de ‘uma vez fonema, sempre fonema’, ‘distribuição complementar’, ‘não seja teleológico’, ‘significado é desimportante’ etc. que pairavam no ar em Yale eram tanto algo a ser tolerantemente aprendido a fim de ver aonde podiam levar quanto uma piada caseira. ‘Você acha que Bernard Bloch acredita em tudo isso?’, costumávamos nos perguntar, algo temerosos e alegres ao mesmo tempo. Logo ficou claro que devíamos ‘agir como se’ essas ideias fossem verdadeiras, uma vez que dizer o contrário significava sair da objetividade, que era a moeda estrangeira no mercado, duramente conseguida, acumulada desde 1880, quando William Dwight Whitney ensinara em Yale. A grande ênfase no indo-europeu, dois anos de sânscrito, védico clássico bem como gótico, velho eslavo eclesiástico e a gramática comparativa do grego e latim com professores como Paul Tedesco, Konstantin Reichardt, Ralph Ward e Warren Coxgill tinha um denominador comum que, de novo, parecia estar de mãos dadas com a experiência Budapeste-Harvard: a importância do texto antigo (escrito). Enquanto nós construíamos sentenças em grego, latim e sânscrito, parecia-nos claramente óbvio que jamais poderíamos nos tornar falantes daquelas línguas, daí a observação semijocosa de Albrecht Goetze de acordo com a qual ‘no começo havia o texto’, sabedoria confiável a ser seguida mais tarde.

Os *slogans* militantes dos convertidos à GGT inicial pareciam interessantes e amedrontadores: interessantes porque eles passaram a fazer os próprios textos; amedrontadores porque, uma vez que o/a linguista se convertia no/a próprio/a informante, o controle da objetividade sobre o que se estava investigando parecia ir pelo ralo. Eu ainda era um estudante de primeiro ano de pós-graduação quando concluí que a questão do dialeto e a relatividade do ‘que é gramatical para que falante’ poderia levar a muitos acidentes e fortificações vulneráveis nos territórios ocupados da GGT. O aparecimento de Sydney M. Lamb na cena no outono de 1964 foi como um golpe de ar

fresco dentro de um mausoléu. De repente, podia-se falar em ‘significado’: ele tinha sido removido da lista de proibições; a possibilidade de discutir sobre computadores se tornou uma realidade; expressões idiomáticas, alusões, trocadilhos, citações e textos literários se tornaram, todos, possíveis áreas de pesquisa, assim como foi a decifração linguística e as sérias discussões sobre os prós e contras a GGT e a alternativa estratificacional. Com a semântica estrutural firmemente estabelecida em Yale sob a batuta de Rulon W. Wells e Floyd G. Lounsbury (os dois eram simpáticos às novas tendências na linguística teórica), o tema que escolhi para minha tese de doutorado foram as expressões idiomáticas inglesas. Meus orientadores foram os professores Wells, Lamb, Lounsbury, Cowgill e Stimson. Quando ela ficou pronta, *Idiom structure in English* (Makkai 1965) se tornou a primeira tese de doutorado em Yale sobre o inglês americano moderno de uma perspectiva estratificacional escrita por um falante não nativo de inglês. Esses foram os três ‘primeiros’ em nossa bagagem, e nem todo mundo ficou alegre ao me ver portando-a. Em 1972 a monografia foi publicada como livro, aumentada de três vezes relativamente ao seu tamanho original.

Por esse tempo, eu estive trabalhando na University of Illinois at Chicago, começando no outono de 1967. Chicago tornou-se um lugar estimulante: a vizinhança com a University of Chicago, James D. McCawley e a semântica gerativa, bem como seus encontros anuais que resultaram nos CLS (Chicago Linguistic Circle), propiciaram frutuosas discussões. Mas o *establishment* da GGT era opressivo, mesmo em suas segunda e terceira versões, e assim aconteceu que em agosto de 1974 LACUS (Linguistic Association of Canada and United States) foi fundada, com a ajuda de M. A. K. Halliday, M. Peter Maher, Valerie Becker Makkai, Jean-Luc Garneau, Peter A. Reich, Robert J. Di Pietro e Fred C. C. Peng. Foi um privilégio meu ter sido seu primeiro *Foundation Executive Director* e Diretor de Publicações, desde o começo, o que dura até o momento em que estou escrevendo este texto. Participaram do movimento autoridades como Bolinger, Pike, Hockett, Lamb, Shaumyan, Garvin e Householder, entre muitas outras. As atas já existentes dos encontros de LACUS preenchem uma estante inteira. Os sócios são de cerca de 23 países de 4 continentes, sendo uma ‘universidade sem paredes’. Foi um privilégio todo especial para mim o ter concebido, dado início e dirigido LACUS – talvez a mais importante experiência acadêmica que eu jamais tive. LACUS não é a sede de nenhum clube de teoria: entre outras coisas, a associação é uma escola de tolerância e boa vontade em um campo

intolerante, pugnaz e com frequência desnecessariamente maldoso, cheio de egos superinflados com asserções bizarras. A ECOLINGUÍSTICA é em grande parte filha de LACUS, a cujos membros (presentes, passados e futuros) este ensaio é dedicado.

Nota

* Este texto foi escrito como introdução a Makkai (1993).

Referências

- ABERCROMBIE, D. Fifty years in phonetics. *ForLing* 5/2, 1980, p. 169-178.
- ALGEO, J. Stratificational grammar. In Makkai; Lockwood (orgs.). *Readings in Stratificational linguistics*. Al.: The University of Alabama Press, 1973, p. 9-14.
- ANTTILA, R. Revelation as linguistic revolution. *The First LACUS Forum*, 1974, p.171-176.
- BEEKMAN, J., Callow, J. *Translating the word of God*. Grand Rapids, MI.: Zonderman, 1974.
- BERGER, P. L.; Luckmann, T. *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Londres: Penguin Press, 1967.
- Dinneen, F. P. *An introduction to general linguistics*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1967.
- HALLIDAY, M A K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.
- HERRICK, E. M. *Sociolinguistic variation: A formal approach*. Ala.: The University of Alabama Press, 1984.
- KARÁCSONY, S. *Magyar nyelvtan társzélektani alapon* (Hungarian grammar based on social interaction psychology). 1938.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- LUCKACS, J. *Historical consciousness*. New York: Harper & Row, 1968.
- MAKKAI, A. *Idiom structure in English*. Tese de Doutorado, Yale University, 1965.
- _____. A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals. *Language sciences* 27, 1973, p. 9-22.
- _____. 1993. *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- NIDA, E. A. *Towards a science of translating with special reference to principles and procedures involved in Bible translation*. Leyden: Brill, 1974.
- SHAUMYAN, S. K. Inaugural thought on the philosophy of linguistics, semiotics, and communication as it relates to a New Philosophy of Physics. *LP* 1, 1983, p. 28-31. YNGVE, V. H. To be a scientist. *The thirteenth LACUS Forum*, 1986. p. 5-25.

[Este texto está também no livro *O paradigma ecológico nas ciências da linguagem: Coletânea de ensaios clássicos e contemporâneos*, Goiânia: Editora da UFG, 2015, organizado por Hildo H. do Couto, Elza K.N.N. do Couto, Gilberto P. de Araújo & Davi B. de Albuquerque).

Texto convidado.